



AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR SOBRE SUAS ATIVIDADES DOCENTES NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Rejane Esther Vieira Mattei*

RESUMO

O presente artigo tem como temática investigativa as percepções dos professores sobre suas atividades docentes, na modalidade a distância. Nessa perspectiva, vale destacar a ergonomia cognitiva, que conforme Borges (2010) e Falzon (2004), trata-se do estudo dos processos mentais, tais como a percepção, a memória, o raciocínio e as respostas motoras com relação às interações entre as pessoas e outros componentes de um sistema. Na ergonomia, a atividade é o que é feito, o que o sujeito mobiliza para efetuar a tarefa. A tarefa prescrita se define por um objetivo e pelas condições de sua realização. Dessa forma, entende-se que atividade é o conjunto dos processos que o sujeito aciona para realizar a Tarefa. Compreende-se que tais processos correspondem tanto as condições físicas, comportamentais, como os processos intelectuais e cognitivos. Os professores acabam realizando um processo de redefinição, de interpretação dessas tarefas (Tarefa Redefinida) de acordo com sua experiência pessoal e profissional, com sua competência, com seus objetivos pessoais e coletivos, elaborando, assim, uma ressignificação particular à Tarefa Prescrita. Posteriormente, temos a tarefa efetivamente realizada pelos professores, em termos de ações concretas realizadas dentro de um dispositivo fortemente instrumentado (Tarefa Realizada), que se constitui em síntese de todo o processo, isto é, a atividade. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, análise documental e de conteúdo.

Palavras-Chaves: Professores. Atividades Docentes. Modalidade a distância.


ABSTRACT

This article is themed investigative perceptions of teachers about their teaching activities in distance mode. Perspectia this, it is worth

Recebido em: 10/09/2012 – Aceito em: 26/11/2012

* Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC-2012). Possui Bacharelado e Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-2003). Bacharel em Administração Pública pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/ESAG-2010). Especialista em Controle da Gestão Pública pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Pesquisadora CAPES-DS. E-mail: vieira.rejane@gmail.com





highlighting the cognitive ergonomics, which as Borges (2010) and Falzon (2004), it is the study of mental processes such as perception, memory, reasoning and motor responses with respect to interactions between people and other system components. In ergonomics, the activity is what is done, what mobilizes the subject to perform the task. The task is defined by a prescribed purpose and the conditions of its realization. Thus, it is understood that activity is the set of processes that triggers the subject to perform the task. It is understood that these cases represent both the physical, behavioral, and cognitive and intellectual processes. Teachers end up doing a reset process, interpretation of these tasks (Task Redefined) according to their personal and professional experience, his expertise with your personal goals and collective, producing thus a new meaning to the particular task Prescribed. Subsequently, we have performed the task effectively by teachers in terms of concrete actions performed within a heavily instrumented device (Task Held), which constitutes the entire synthesis process, activity. A methodology is qualitative, document analysis and content.

Keywords: Faculty. Faculty Activities. Distance Mode.

1 Introdução

A atualidade tem recebido várias denominações tais como: sociedade da informação, (COLL; MONEREO, 2010), Stewart (1998), Drucker (2002); do Conhecimento Sveiby (1998); Sociedade em Rede, Castells (2002); A terceira onda (TOFFLER, 2003) dentre outras. Destaca-se que a principal característica desse novo tempo é a valorização do conhecimento (ou capital intelectual), Sveiby (1998), que passa a ocupar lugar de destaque como principal recurso para a produção e criação de riquezas.

Para Castells (2003) são profundas modificações que estão ocorrendo em praticamente todos os setores da sociedade contemporânea. Neste sentido, estamos diante de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno de tecnologias da informação e associado a profundas transformações sociais, econômicas e culturais. (CASTELLS, 2000). Uma destas modificações está relacionada à intensa expansão das tecnologias digitais. Segundo autores como Millerand (1999) e De Certeau (1990), existem diferentes fases de expansão dos instrumentos de comunicação em rede, denominadas de inovação,



difusão e apropriação dos instrumentos tecnológicos. Percebe-se que estas fases também podem ser verificadas no acelerado processo de expansão dos instrumentos digitais. Na atualidade, observa-se uma fase de apropriação destes instrumentos, uma vez que eles estão modificando as diferentes práticas sociais, em praticamente todos os setores da sociedade contemporânea (CASTELLS, 2003).

Para Negro Ponte (2006) o século XX foi marcado por intensas transformações nas relações sociais, políticas e econômicas, pelo acelerado desenvolvimento tecnológico e eletrônico. Acredita-se que hoje estamos nos primórdios da era digital, como evolução da era industrial marcada pelas tecnologias digitais, que revolucionam a percepção e a atuação humana sobre o mundo. É a mudança da era industrial para a digital e o predomínio da cultura dos espaços plurais e virtuais. Para Coll e Monereo (2010) as tecnologias da informação e da comunicação revestem-se de uma especial importância, porque afetam vários âmbitos de atividade das pessoas.

Conforme explicam Coll e Monereo (2010, p. 15):

As TIC têm sido sempre, em suas diferentes fases de desenvolvimento, instrumentos para pensar, aprender, representar e transmitir para outras pessoas e para gerações os conhecimentos adquiridos. Todas as TIC repousam sobre o mesmo princípio: a possibilidade de utilizar sistemas de signos – linguagem oral, linguagem escrita, imagens estáticas, imagens em movimento, símbolos matemáticos, notações musicais etc. – para representar uma determinada informação transmiti-la. [...] As TIC diferem profundamente entre si quanto às suas possibilidades e limitações para representar a informação, assim como no que se refere a outras características relacionadas à transmissão dessa informação (quantidade, velocidade, acessibilidade, distância, coordenadas espaciais e temporais etc).

Para Coll e Monereo (2010) uma das perspectivas de futuro mais prováveis é a possibilidade de expandir as opções de aprendizado para outros cenários que não sejam os tipicamente escolares. A progressiva miniaturização e integração das tecnologias, junto com o desenvolvimento de plataformas móveis e da conexão sem fio, permitirão que os alunos possam continuar avançando em sua formação tendo acesso, a qualquer momento, por meio de seu celular, de agendas eletrônicas, computadores de bolso ou de outros dispositivos, a documentos, portfólios, fóruns, chats, questionários, listas de discussão etc.





Dentro desse contexto, assistimos, no Brasil e em outros países, a expansão significativa da modalidade de formação a distância, sob novas configurações. A partir de um processo de apropriação dos instrumentos digitais pela sociedade em geral propiciada pela rede mundial, a Internet, com computadores conectam sujeitos em diferentes localidades, em diferentes temporalidades. Assim, a educação a distância ganha novos horizontes, possibilidades e desafios.

Estamos vivendo na atualidade a abertura de um novo espaço de comunicação e o chamado ciberespaço (LÉVY, 2000). Conforme Borges (2007), o ciberespaço se apresenta como um terreno onde a humanidade está se desenvolvendo hoje. É, portanto, um espaço de interação humana, no campo econômico, científico, educacional, político, comercial etc, onde ocorre a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. Sendo assim, uma poderosa ferramenta de comunicação, a Internet, onde as mensagens se tornam interativas, ganham plasticidade e têm a possibilidade de uma metamorfose imediata.

Destacamos o ciberespaço como sendo toda a estrutura virtual transacional de comunicação interativa. Para Lévy (2000, p. 25):

O ciberespaço é um dispositivo interativo e comunicatório, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva, trata-se de um novo espaço de “socialização, organização e transação e um novo mercado da informação e do conhecimento.

Assim, o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de sujeitos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem.

Nesse contexto, as condições para o ensino e a aprendizagem serão cada vez mais influenciadas pelas oportunidades para a aprendizagem on-line. Conforme expõe Peters (2003, p. 85):

Isso irá significar que os professores e os alunos irão se confrontar com novos critérios e estratégias pedagógicas. Aqueles que desejam ser apresentados ao novo campo de aprendizagem e que pensam em sua crescente importância podem se sentir estimulados.

A emergência de uma sociedade globalizada onde é necessário aprender a aprender continuamente, caracterizada pela velocidade na geração e na distribuição de informações, marca as últimas décadas do século XX. Para Moraes (2004), questões fundamentais como o





acesso à informação e ao conhecimento, o respeito às diferenças étnicas e culturais e a preservação de uma postura ética colocam-se como desafios para a educação.

Esse cenário estabelece novas formas de pensar as organizações, inclusive a Universidade, que deve preparar-se para os novos desafios, para um mercado de educação superior competitivo, cuja população de estudantes já não tem as características homogêneas do passado para as demandas pela educação continuada e para a formação de um profissional preparado para um novo contexto de trabalho.

Conforme Ritto *et al.* (1995, p. 31), a função da educação na atualidade é “promover o desenvolvimento das pessoas e estar comprometida com o aumento de seus conhecimentos e da sua percepção de mundo visando a sua formação para a atuação no mercado de trabalho”.

Para Delors (2003), o desafio colocado para a educação é preparar os educandos para aprender a aprender, a ser, a fazer e a viver com os outros. Essas dimensões do educar apontam para o convívio com o diferente, com a constante preocupação com a formação, para o desenvolvimento das diversas potencialidades e a necessidade de formação profissional para enfrentar situações diversificadas no trabalho e na sociedade.

Dentro desse mercado, observa-se a educação a distância e os profissionais que atuam nesta área. Conforme Litto (2009), no Brasil a educação a distância é marcada por uma trajetória de sucessos, não obstante a existência de alguns momentos de estagnação provocados por ausência de políticas públicas para o setor.

Segundo Litto (2009, p. 09):

Há registros históricos que colocam o Brasil entre os principais no mundo no desenvolvimento da EAD, especialmente até os anos 70. A partir dessa época, outras nações avançaram e o Brasil estagnou, apresentando uma queda no ranking internacional. Somente no final do milênio é que as ações positivas voltaram a acontecer e pudemos observar novo crescimento, gerando nova fase de prosperidade e desenvolvimento.

Nesse sentido, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2006).





Para Pretti (1996, p. 4) a educação a distância é uma modalidade não tradicional, típica da era industrial e tecnológica, que realiza distintas formas de ensino-aprendizagem.

Conforme Peters (2001), os tópicos básicos que caracterizam a educação a distância, onde também é possível perceber a modalidade como um fenômeno da era moderna, são educação por autoaprendizagem e meios de comunicação de massa. Entende-se que a aprendizagem na educação a distância pode ocorrer não só mediante a proposição de atividades pelo professor e o esforço dos alunos para atingir os objetivos educacionais, mas também pela interação (entre professor/tutor e alunos e entre alunos), pela reflexão discente/docente (sobre o material proposto e as interações subseqüentes).

Sabe-se que as práticas docentes na educação a distância foram afetadas pelo desenvolvimento tecnológico. Na era digital ou cibercultura, conforme Levy (2000) a prática docente permitia se assentar na construção individual e coletiva de conhecimentos. Atualmente, é possível imaginar a docência a distância como capaz de promover mudanças, comprometidas com a aprendizagem significativa, problematizadora e reflexiva na formação profissional.

Borges (2007) afirma que atualmente vivemos em um mundo repleto de tecnologia, as chamadas tecnologias de informação e comunicação (TIC), especialmente as tecnologias digitais, onde sujeitos têm acesso e usam os instrumentos tecnológicos em suas práticas cotidianas. A tecnologia faz parte do cotidiano e das práticas sociais da maioria da população de muitos países, não somente países desenvolvidos, mas também dos chamados países emergentes.

Nesse espaço, os professores em educação a distância, diante das tecnologias de informação e comunicação como parte do cotidiano e das práticas sociais, apresentam novas atividades no seu exercício docente. Questionamos: que novas práticas são essas? Quais são essas novas atividades?

2 Atividade docente na educação a distância

A atividade docente e o papel do professor vêm passando por uma fase expressiva de mudanças. As atividades dos professores, a metodologia de ensino e até mesmo a função das instituições de ensino tem sido objeto de discussão no mundo inteiro (COLL, 2010; PERRENOUD, 2000; PRETTO, 2001; RAMAL, 2002; MARINHO, 2002; MORIN, 2001). Nesse sentido, as inovações tecnológicas como a Internet e a sua inserção no cotidiano da sociedade assumem um papel cada vez mais importante.





Para Coll e Monereo (2010), o impacto das TIC sobre o aparecimento das novas necessidades educacionais e a importância das novas competências que precisamos adquirir e desenvolver no marco da Sociedade da Informação é um tema complexo, sendo que por um lado, ambos os fatores estão na origem das novas necessidades educacionais e de formação, mas, por outro lado parecem destinados a desempenhar um papel decisivo na satisfação dessas mesmas necessidades.

Belloni (1999) afirma que o processo de desenvolvimento tecnológico e social passa a nortear a visão, as formas e as estratégias de transmissão de informações e conhecimentos. As mudanças na sociedade e na forma como ela se relaciona com seus integrantes e com o sistema produtivo solicitam reflexões sobre como o ensino deve ser estruturado.

Conforme expõe Behrens (2000, p. 78):

Num mundo globalizado, que derruba barreira de tempo e espaço, o acesso à tecnologia exige atitude crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade como um todo. O desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente na qual professor e alunos participam de um processo conjunto para aprender, de forma criativa, dinâmica e encorajadora, e que tenha como essência o diálogo e a descoberta.

Dessa forma, as inovações tecnológicas (principalmente os sistemas informatizados e a Internet) e a sua inserção no cotidiano da sociedade assumem um papel cada vez mais importante. Rasmussem (2000) afirma que a sociedade torna-se mais dinâmica e integrada em função do uso intensivo dessas tecnologias, acarretando mudanças expressivas nas diversas formas de produção humana.

Kenski (2001) explica que o uso das TIC na educação têm como consequência uma mudança estrutural no trabalho do professor. Isso exige dele uma visão crítica do uso dessas tecnologias: qual estratégia utilizar, em qual momento do ensino e com quais finalidades. No entanto, as profundas mudanças tecnológicas e a velocidade de informação no mundo globalizado vêm provocando alterações no relacionamento entre as pessoas e conseqüentemente na prática educativa, principalmente na modalidade EAD no país e no mundo (KENZI, 2001).

Belloni (1999, p. 84) agrupa as funções docentes em três grandes grupos:





O primeiro é responsável pela concepção e realização do curso e materiais; o segundo assegura o planejamento e organização da distribuição de materiais e da administração acadêmica (matrícula e avaliação); e o terceiro responsabiliza-se pelo acompanhamento do estudante durante o processo de aprendizagem (tutoria, aconselhamento e avaliação).

Um dos primeiros passos da formação do professor consiste em tomar consciência destes três grupos e em se preparar para exercer essas funções de maneira colaborativa. Esta visão de Belloni (1999) complementa a definição de educação: “Um projeto contínuo e inclusivo de desenvolvimento das capacidades físicas, emocionais e intelectuais, baseado em valores culturais e morais, permitindo que o indivíduo se relacione com o universo, se torne uma pessoa e um construtor do saber”. A formação busca preparar os professores para a inovação tecnológica e suas conseqüências pedagógicas. Sabe-se que muitos professores não receberam nenhuma formação para integrar as novas tecnologias da informação e da comunicação no seu trabalho pedagógico e que, em muitos casos, o medo do desconhecido faz rejeitar essas novas possibilidades.

Para Belloni (1999, p. 102-103), a EAD é um processo educativo essencialmente centrado no aluno:

Um primeiro caminho extremamente importante a operacionalizar em qualquer experiência de EAD é a ênfase na interação entre os estudantes e professores e dos estudantes entre eles; e criação de estruturas de apoio pedagógico e didático ao estudante (tutoria, aconselhamento, plantão de respostas a dúvidas, monitoria para o uso de tecnologias etc...). Estas estruturas são especialmente importantes em um país como o Brasil, onde os níveis de cultura geral e de escolaridade são, de modo geral, pouco elevados, e onde a escola não instrumentaliza os jovens para o exercício da auto-aprendizagem.

Dessa forma, questionamos até que ponto será que isso se efetiva na prática? Será que os professores do IF-SC do Curso estudado (CSTGP) estão preparados para trabalhar com EAD?

Na EaD, Belloni (1999) aponta que o uso da tecnologia amplia a possibilidade de interação e quando utilizada de forma contextualizada dentro de um ambiente de aprendizagem que privilegie fundamentos pedagógicos e as formas de aprender, pode se tornar uma das ferramentas para que o aluno desenvolva uma aprendizagem significativa. Mas para isso, não basta somente a postagem de textos





e a criação de fóruns nos ambientes virtuais de aprendizagem, é necessário a presença de um educador, de um mediador, alguém que levante questionamentos, provocando discussões, criando situações problematizadoras para que o aprendiz desperte o pensamento crítico e construa seu próprio conhecimento.

Na maioria dos programas de Educação a Distância o professor é oriundo do ensino presencial da universidade e apresenta pouca ou nenhuma experiência na modalidade a distância. Ao participar de um curso na modalidade da EAD, ele terá que desenvolver habilidades não apenas com as ferramentas tecnológicas, mas compreender quem é o aluno de um curso a distância e qual a melhor forma de contribuir para promover a aprendizagem.

3 Contextualização: campo da pesquisa

A pesquisa é classificada como qualitativa e foram realizadas entrevistas com os professores do Curso Superior em Tecnologia da Gestão Pública (CSTGP) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e foi aplicado um questionário com o objetivo de identificar o perfil dos professores. Neste artigo, foca-se na análise das entrevistas realizadas com os professores de uma instituição de ensino superior na modalidade a distância. Foram realizadas entrevistas classificadas como qualitativas semiestruturadas com seis professores. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas posteriormente. Sabe-se que os principais tipos de entrevistas qualitativas na educação são classificados conforme o nível de estruturação e roteiro de questões utilizadas. Podem ser: estruturada, semiestruturada e livre (ROSA, 2008).

Identificaram-se três grupos de professores no CSTGP. Estes grupos indicam o tempo de atuação no IFSC: Grupo I- Atua no IFSC a menos de um ano, sendo escolhidos aleatoriamente dois professores de três professores pertencentes a esse grupo; São identificados pelos entrevistados P4 e P5, Grupo II- Atua no IFSC de um a cinco anos, sendo escolhidos aleatoriamente dois professores de oito professores pertencentes a esse grupo; São os entrevistados P1 e P3, Grupo III- Atua no IFSC de 21 a 30 anos, sendo escolhidos os dois professores os únicos pertencentes a esse grupo; São os entrevistados P2 e P6.

Identificados os grupos, buscou-se por meio de e-mail e mediante autorização da coordenação do curso, realizar o agendamento das entrevistas. Foram seis professores convidados realizar as entrevistas, e todos aceitaram participar das entrevistas. O local escolhido foi o





próprio IF-SC, sala dos professores, onde foram gravadas por meio de máquina digital. Posteriormente, foram transcritas de forma literal. Foi realizada uma primeira leitura para confirmar a escrita das transcrições e uma segunda leitura com a finalidade de categorizar as falas dos professores, levantando os principais aspectos para iniciar a análise.

4 Percepções dos professores sobre suas atividades docentes

Com as entrevistas realizadas com seis professores do curso pesquisado, identificaram-se quatro categorias que são fundamentais para a compreensão das atividades efetivadas pelos professores. A primeira categoria intitulada a “precarização do trabalho docente”; a segunda categoria, a “interação do professor e o aluno”; a terceira categoria, a “formação docente para EAD”; a quarta categoria, “atividades docentes”destacando o enfoque no “planejamento”.

Na primeira categoria intitulada a “precarização do trabalho docente”buscou-se apresentar as concepções dos professores sobre a questão do regime de contrato atribuído aos professores do CSTGP do IFSC, na modalidade a distância. Este aspecto prepondera na percepção dos fatos que formalizam o enfoque desta pesquisa, já que esta situação tem reverberação em todas as atividades desenvolvidas no curso. Outra questão importante é o fator da “rotatividade”de professores na composição da equipe profissional.

Conforme professor (a) P5, trabalhar na modalidade EAD é porque o profissional gosta e se identifica com a modalidade e não pelas garantias trabalhistas, pois não possuem. Porém, por mais idealista e apaixonado que seja um profissional, a falta de reconhecimento e condições de trabalho vai desmotivando os professores com o passar do tempo.

Conforme expõe professor (a) P5:

Eu sou apaixonada pelo que faço, mas eu me vejo como a maioria das pessoas que estão envolvidas, eu me vejo como uma pessoa não valorizada, por quê? Porque não temos professores na modalidade EAD da Universidade Aberta do Brasil com registro,... não temos garantias trabalhistas, nós temos apenas bolsas de professor pesquisador,...não sou enquadrada como docente, estou trabalhando com pessoas, estou formando pessoas e não tenho esse reconhecimento profissional. (P5).

Corroborando, professor (a) P1 salienta que “há uma rotatividade profissional muito grande nas várias áreas de atividade que tem na EAD, materiais, tutorias, coordenação”. (P1). Entende-se que a rotatividade dos profissionais em uma organização têm duas vertentes



a serem apontadas como hipóteses possíveis. Os dados recolhidos nas entrevistas com os professores evidenciam as condições de estrutura no Curso Superior em Tecnologia da Gestão Pública a Distância, portanto a primeira hipótese supracitada parece ser iminente no IFSC.

Professor (a) P1:


Outro problema que vejo é o fato de que a própria instituição não abraçou 100% ainda o ensino a distância. Agora é que está começando, mas esse processo já existe há quatro anos, então a própria instituição, os dirigentes, não viabilizam condições, estrutura. (P1).

Outro fator que sofre influência dessa situação reside na falta de continuidade dos investimentos públicos já realizados no curso.

A precarização do trabalho é um problema gravíssimo e o que acontece é uma espécie de economia dos recursos públicos que o governo faz não sei pra que, pois não justifica. Porque se o professor bolsista com uma bolsa de R\$ 1.200,00 reais que não repercute em nada em termos de aposentadoria, décimo terceiro e tudo mais, atende um X de alunos, então o governo pode estar usando isso para aumentar índice de números. (P1).

Dados como regime de trabalho (para preparação, para interação, para avaliação) das atividades desenvolvidas pelos professores do CSTGP do IFSC para a manutenção do curso, também foi bastante citado pelos entrevistados. Entende-se que o professor, ao aceitar trabalhar na modalidade a distância, enfrenta uma série de desafios acrescidos dos que já enfrenta no ensino tradicional. Ele arrisca olhar o novo, em uma educação mediada e dependente do uso de Tecnologias da Informação Comunicação (TIC), mas tem como referência e prática a realidade do ensino presencial, em que ele está relativamente à vontade, pois ali tem parâmetros e história. Suas referências foram construídas desde a sua experiência como aluno, depois, nos cursos de formação de professores e, principalmente, na sua prática docente no contexto escolar. É com essa bagagem que ele é desafiado a olhar o novo (LAPA; PRETO, 2010).

Conforme Preto (2008), mesmo com os avanços nos debates do campo educacional, que defendem e propõe uma educação transformadora, libertária e autônoma, o lugar comum em que o professor se encontra hoje ainda é o de único detentor do conhecimento que precisa ser transmitido ao aluno, aquele que vai mediar o acesso ao saber. De modo geral, o professor organiza sua prática por meio de um planejamento individual, que contempla todos os fragmentos de conteúdos exigidos na ainda denominada “grade” curricular posta, e



centraliza os processos de aprendizagem quase que exclusivamente no seu ensino: controlando desde as aulas preparadas e conduzidas em continuidade a esse papel onipresente, até o exercício do poder de avaliar o aluno quanto à sua capacidade de reproduzir o conhecimento transmitido (PRETO, 2008).

O professor na EAD terá que se confrontar com situações inusitadas que provocarão, no mínimo, grande instabilidade. Essa instabilidade torna-se um momento potencial para a reflexão sobre a educação, com a possibilidade de uma ressignificação do papel de docente, propiciando a transformação. Estes também são os desafios enfrentados pelos professores do CSTGP ao trabalharem na EaD, refletindo sobre os seus limites e potencialidades.

A segunda categoria aborda a “interação” do professor e o aluno. Considera-se uma categoria porque foi discutida pela maioria os professores entrevistados. Esta categoria é importante porque apresenta a concepção dos professores sobre as interações que ocorrem durante o curso. Mas, o que significa interação? Para Belloni (2006) a interação é uma ação recíproca entre dois ou mais atores no qual ocorre a intersubjetividade, isto é o encontro entre duas ou mais pessoas que adaptam seus comportamentos e ações um ao outro, ação esta que pode direta ou indireta (mediatizada por algum veículo técnico de comunicação).

Conforme Castro (2009), a interação entre os participantes de um curso a distância como um dos elementos mais importantes para o sucesso da educação on-line. Neste sentido, o papel do professor é fundamental motivando o compartilhamento de ideias, um dos aspectos mais poderosos na educação a distância.

Nesse contexto, observou-se que a questão “interação” é realmente importante para trabalho do professor, que se sente valorizado e percebe a expectativa dos alunos quando acontece o encontro presencial.

Professor (a) P2:

Você se sente mais valorizado como profissional, o aluno repassa isso, a outra é que ele percebe que é uma modalidade nova, desafiadora para ele, mas que lê precisa de qualquer forma se aproximar mais do professor, porque o professor não é tanto um ensinador de conteúdos, e sim um indivíduo motivador do momento de aprendizagem de um indivíduo que tenha um conteúdo enorme. [...] E tem muito a ver com o ensino a distancia, a pessoa vai lá descobre, estabelece seu tempo de estudo, e acaba desenvolvendo seu próprio conhecimento, claro que o ensino a distância se torna-se um pouco mais presencial e o ensino presencial se torna-se um pouco mais a distancia para usar as tecnologias. (P2)



As interações acontecem em diversos momentos, principalmente nos fóruns, nas videoconferências e nos poucos encontros presenciais com os alunos. Para o professor (a) P2, os fóruns permitem que aconteça a “democratização do saber”, funcionando como um instrumento de discussão de ideias diferentes:

A interação acontece em diversos momentos, por exemplo, num domingo eu entro no fórum tenho algumas coisas respondidas e você acaba respondendo, “ah estou lá no ensino presencial, entro no fórum, respondo, se tem alguma dúvida e aí a gente começa interagir”. Os alunos apresentam questionamentos ou apresentam sugestões, o fórum é bastante um instrumento interessante de discussão porque ele permite que tanto o professor quanto o aluno fique movimentando ideia, e os outros alunos acabam tendo acesso a aquela informação. (P2)

Já Silva (2005) afirma que a “interatividade” emerge com a cibercultura, não se tratando de um novo modismo, mas de uma modalidade de comunicação que traz a revolução da cocriação da mensagem. Para Borges (2003), a dimensão da interatividade apresenta alguns avanços com relação à abordagem tradicional de ensino, e atividades colaborativas representam o principal diferencial de cursos online, possibilitando efetivamente uma ruptura com a abordagem tradicional em direção a uma abordagem de caráter inovador (BORGES, 2003, p. 16).

No entanto, observa-se que nas verbalizações dos professores do CSTGP, encontram-se diferenças na prática do ensino presencial e do ensino a distância e assim apontam dificuldades em atingir a interação.

Conforme expõe professor (a) P4:

É muito diferente do que um trabalho, porque o trabalho presencial, eu trabalho desde 91,... eu tenho muito daquela coisa de rever o planejamento que não está funcionando, no presencial se dá um jeito, puxa outro conteúdo, antecipa alguma coisa ali, recupera outra, ou seja, ...o flexível...isso não existe no ensino a distância. (P4).

No entanto, os entrevistados relatam a necessidade de aproximação do professor e aluno. Tal fato sugere compromisso humano no processo de ensino e aprendizagem, como pano de fundo no cenário da EAD- CSTGP- IFSC.

Professor (a) P3:

As respostas geralmente os professores já dão na interação, mas os alunos perdem as interações ou faltam, se faltar um ou dois dias, já perdem bastante conteúdo, então em alguns momentos, parece que acontece assim essa mensagem truncada entre o aluno e o professor, que se fosse no presencial, o aluno conversaria e o professor diria: — Olha você não prestou atenção, foi explicado assim...(P3)





Professor (a) P4:

Então eu senti muita falta de olho no olho, de conseguir ter o felling do momento, até quando o professor tá dando aula para o pessoal de Cachoeira do Sul e outro em Jales. Porque em Cachoeira do Sul pode estar um dia muito quente e as pessoas estão sofrendo por causa do calor e isso mexe no ânimo delas. Já lá em Jales pode estar frio e chovendo. (P4).

Corroborando com essa afirmação, Lapa e Preto (2010) afirmam ser um desafio o afastamento espacial entre professores e alunos. A princípio, os recursos tecnológicos aproximariam aqueles afastados geograficamente, contudo, vale refletir sobre a capacidade de professores e alunos construírem esses vínculos e manterem a presença por meio das TIC, pelo menos nos atuais tempos e com as condições de infraestrutura existentes. Essa não é uma tarefa simples, longe disso. Professores e alunos estão acostumados à comunicação síncrona, oral e ainda contando com outros recursos, com o improviso, com a linguagem corporal, como o sorriso ou o “olho no olho”.

Entende-se que dar uma aula em um estúdio vazio, elaborar e apresentar uma dúvida em texto escrito, esperar o tempo do outro para a resposta e compreender as entrelinhas dos discursos são situações inéditas, que deslocam professores e alunos e os afastam. Ressalta-se que o que faz a comunicação não é o recurso tecnológico disponível, mas as pessoas que o utilizam como meio para a interação (LAPA; PRETO, 2010).

A terceira categoria, a “formação docente para EAD”. Nesta categoria, apresentam-se as discussões dos professores sobre a sua formação docente para a EAD. Discutem-se os cursos de capacitação oferecidos pelo IFSC em parceria com outras universidades aos professores e a visão dos professores sobre a necessidade da formação direcionada para a EAD. Esta categoria é entendida pelos professores como algo primordial para lecionar no ensino a distância. Conforme, professor (a) P2:

Antes de nos entrarmos na atuação propriamente dita, fizemos trezentas e poucas horas de capacitação para essa atividade. Então a gente não entrou simplesmente sem saber, não sabíamos como fazer, mas sabíamos que tinha um norte, e aí houve toda uma preparação de capacitação para o ensino a distância, o professor foi realmente treinado, foi capacitado para desenvolver. (P2).





Conforme Litwin (2001), o traço distintivo da EAD, consiste justamente na mediatização das relações entre docentes e alunos. No entanto, para que isto ocorra é necessário o trabalho constante de um coordenador pedagógico que norteará as ações, desde a matriz curricular até a etapa de validação do material produzido, além de envolver a presença da equipe de especialistas responsáveis pela elaboração das unidades temáticas, pela definição do projeto gráfico do material e pela organização do fluxo de aprendizagem a ser adotado na utilização dos diferentes suportes.

Porém, considera-se o planejamento das aulas junto aos professores e à equipe de materiais, antecipando à coordenação de tutoria e aos tutores através de uma reunião denominada de “aula magna” todo o plano de aula de cada docente são pontos positivos da chamada “rotina” de procedimentos utilizados no curso, idealizada através de um trabalho de equipe, onde as coordenações buscam balizados na própria experiência dos colaboradores, as soluções para os problemas existentes.

A quarta categoria, “atividades docentes” destacando a dimensão do “planejamento”. Esta categoria pode ser considerada a mais importante para esta pesquisa porque apresenta as atividades dos professores no curso e discute a questão do tempo dedicado ao planejamento destas atividades. Esta categoria é importante porque o planejamento, em todas as áreas da atividade humana, é uma necessidade constante. Entende-se que o planejamento é a previsão das ações e procedimentos que o professor vai realizar junto a seus alunos, e a organização das atividades discentes e das experiências de aprendizagem, visando atingir os objetivos estabelecidos (JOHNSON, 2008). Tendo em vista a complexidade e multidimensionalidade do planejamento, torna-se fundamental e imprescindível para a garantia de uma boa qualidade do sistema e sua eficácia.

Conforme Johnson (2008), define que o planejamento é o processo de decisão que depende de informações fidedignas e que traça para o futuro o cenário de satisfação das necessidades sociais da população. Neste sentido, a importância de planejar determinada ação se faz necessária a partir do momento que se aspira alcançar um bom resultado, seja esta ação em qualquer segmento. No entanto, ao planejar o ensino, o professor antecipa, de forma organizada todas as etapas do trabalho escolar. Cuidadosamente, identifica os objetivos, indica os conteúdos que serão desenvolvidos, seleciona os procedimentos que utilizará como estratégia de ação e prevê quais os instrumentos que empregará para avaliar o progresso dos alunos (JOHNSON, 2008).





O planejamento das aulas e demais atividades no CSTGP exige do professor dedicação, tempo e um roteiro de pesquisa. Conforme professor (a) P1, “cada passo é planejado, tudo bem finalizado, pensado, pesquisado”, busca-se fazer um “roteiro” para cada passo da aula:

[...] trabalho que antecede a preparação da aula propriamente dita, porque eu particularmente, por exemplo, para cada aula que eu ministro ali eu monto um roteiro, e também eu não tenho, não chego ali e pronto e dou aula, eu tenho um roteiro montado pra que eu não perca nenhuma informação que eu acho que é importante passar naquela aula, então é diferente de uma que eu tenho no ensino presencial que eu tenho que um material impresso imprime o trabalho aquilo que ta na aula hoje, é claro tem o livro que já foi elaborado por mim no caso, mas que eu não estou usando aquele material na minha mão eu tenho sim um roteiro que vai me dar seqüência lógica do que eu preciso falar, o que eu acho que devo que é importante, então eu elaboro esse roteiro da aula, elaboro questões de prova com antecedência porque todo material da EAD é montado previamente. (P1).

As atividades relacionadas com as correções de provas e elaboração de questões discursivas exigem esforços e fazem parte do planejamento das aulas.

Professor (a) P1:

[...] eu tenho o esforço de correção, até o próprio fazer a prova, essas questões que são discursivas, elas exigem que nos não temos a resposta que o aluno deve responder, mais ou menos estar naquela linha. Mas isso tudo é um esforço que é maior, diferente de fazer uma prova aqui o aluno responde e eu consigo mais ou menos com o que trabalhamos aqui ver se ele seguiu aquela linha e ver se está mais para cá ou para lá o resultado para ele. E ali não eu tenho que estabelecer isso dentro do conteúdo ministrado de alguns exercícios que foram feitos que tem que estar bem marcados, o que requer um pouco mais de trabalho. (P1).

Salienta-se que é pela linguagem em ambiente virtual que o professor cria estratégias que envolvem e motivam os alunos. A linguagem tem que ser diferente do ensino presencial, é uma metodologia necessitando de mais planejamento.

Professor (a) P2:

Eu não sabia como fazer porque era uma linguagem a distancia, diferente da linguagem de ensino presencial, eu era acostumado a fazer apostilas





para o ensino presencial, e quando vai trabalhar com o ensino a distancia tem que ter uma outra metodologia tem que ter uma programação muito mais rígida que o ensino presencial, uma experiência significativa. Agora foi um desafio bom o porque era como se estivesse reoxigenado está atividade do magistério, ao mesmo tempo desafiadora, oportuniza a ver a educação sobre outro prisma. (P2).

Professor (a) P4:

O planejamento leva muito tempo. Aí o seguinte quando começa o processo das interações abre o fórum. Aí o seguinte o fórum toma muito tempo, pelo menos de quem como eu, se dispõe a dar muita atenção para isso. Na experiência que eu tive, agora um semestre eu posso dizer, não sei se algum aluno que escreveu alguma coisa ficou sem uma resposta. Pessoal presente diz isso não é comigo. (P4).

No entanto, a EAD exige tempo, dedicação e o planejamento prévio de todas as tarefas que a envolve. Compreende-se que antes de iniciarem as aulas para os alunos, os professores precisam ter elaborado os materiais (conteúdos) com antecedência, os ambientes virtuais de ensino e aprendizagem precisam estar “alimentados” e os professores cabem apresentar à equipe (coordenação de curso, coordenação de tutoria e tutores) sua “aula magna”, explanando o seu plano instrucional e seu plano de ensino, contemplando as atividades que serão aplicadas aos alunos e forma de avaliação. Conforme professor (a) P3:

[...] eu tenho como atividades tudo aquilo que envolve o preparo das aulas então eu tenho que fazer toda uma pesquisa de literatura, eu tenho que fazer um estudo aprofundado dos livros que são utilizados como base dessa disciplina, dessa unidade curricular que já foi planejada, estudada quando foi feita no projeto pedagógico do curso. Então tem todo uma emenda com conteúdos, com habilidades, competências que os alunos desenvolver em uma bibliografia de apoio. Então, de início, vamos supor que eu tenha iniciado meu trabalho na unidade recentemente, então eu tenho que no meu primeiro trabalho, primeira atividade isso. (P3).

Compreende-se que o planejamento faz parte da modalidade de educação a distância. A composição de uma equipe multidisciplinar integrada reflete no bom desempenho do curso. É importante acrescentar que as equipes de trabalho, em suas trajetórias, ressignificam e recontextualizam, continuamente, todo o processo de desenvolvimento num movimento de complexas e subjetivas interrelações (MOREIRA, 2009, p. 371).





4 Considerações finais

Diante de todo o exposto, compreende-se que a Atividade é o resultado de múltiplas e complexas operações intelectuais, sua análise não ocorre de maneira imediata nem direta (BORGES, 2010). Dessa forma, os professores acabam realizando um processo de redefinição, de interpretação dessas tarefas de acordo com sua experiência pessoal e profissional, com sua competência, com seus objetivos pessoais e coletivos, elaborando, assim, uma ressignificação particular da Tarefa Prescrita. Posteriormente, temos a tarefa efetivamente realizada pelos professores, em termos de ações concretas realizadas dentro de um dispositivo fortemente instrumentado (Tarefa Realizada), que se constitui em síntese de todo o processo, isto é, a atividade.

No tocante a questão do tempo, a EAD exige tempo, dedicação e o planejamento prévio de todas as tarefas a envolve. Antes de iniciarem as aulas para os alunos, os materiais já foram produzidos, os ambientes virtuais de ensino e aprendizagem já foram “alimentados”, os professores já apresentaram à equipe (coordenação de curso, coordenação de tutoria e tutores) sua “aula magna”, expuseram seu plano instrucional e seu plano de ensino, contemplando as atividades que serão aplicadas aos alunos e forma de avaliação. Enfim, o planejamento faz parte da modalidade de educação a distância. A composição de uma equipe multidisciplinar integrada reflete no bom desempenho do curso. Cabe salientar que o bom desempenho interno reflete no bom desempenho externo, ou seja, uma equipe bem estruturada e em sintonia, por si só, torna-se facilitadora e/ou condutora do bom desempenho dos acadêmicos no curso. Com relação às categorias mencionadas neste trabalho identificadas nas verbalizações, destaca-se a categoria atividade docente, destacando a dimensão do planejamento das atividades pelos professores do curso estudado.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1977.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.





BORGES, Martha Kaschny. Atividades realizadas por professores que atuam na educação a distância: uma abordagem da ergonomia cognitiva em formação. **ANPED**. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT16-4763--Res.pdf> . Acesso em: 06 jan. 2011.

CAÑAS, José Juan; WAERNS, Yvonne. **Ergonomía Cognitiva: Aspectos Psicológicos de la interacción de las personas con la tecnología de la información**. Madrid: Editorial Medica Panamericana.

CASTRO, Claudia Rodrigues. **A interação como instrumento decisivo para o desenvolvimento de cursos a distância**. Disponível em: <<http://www.cibersociedade.net/congresso2006/gtscomunicacio.phplengua=p8=10127>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

CARMO, Cintia Tavares do. **Gestão da Performance em instituição federal de educação tecnológica: estudo de caso CEFETES**. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Fim de milênio**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COLL, César; MONEREO, Carles. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: _____; _____; *et al.* **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DELORS, Jaques. **Educação. Um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2003.

DRUCKER, P. **O melhor de Peter Drucker: a sociedade**. São Paulo: Nobel, 2002.

FALZON, Pierre. **Ergonomia**. Editora Blucher, 2007.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

JOHNSON, Alfredo Guillermo. **Avaliação de Políticas Públicas. Material de exposição** – Slides – na versão Power Point para a disciplina Gestão e Avaliação de Políticas Públicas, no curso de Mestrado Profissionalizante da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). 2008.



KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papyrus, 2001.

LAPA, Andrea; PRETTO Nelson de Luca. Educação a distância e precarização do trabalho docente. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, nov. 2010. Disponível em: < www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1792/1355>. Acesso em: 13 out. 2011.

LÉVY, Pierre. **Educação e cybercultura**. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/29.rtf>>. Acesso em: 23 out. 2010.

LITWIN, Edith. Introdução. O bom ensino na educação a distância. In: _____. **Educação a distância**. Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MARINHO, S. P. Tecnologia, educação contemporânea e desafios ao professor. In: M. C. R. A. Joly (Org.). **A tecnologia no ensino: implicações para aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MILLERAND, F. **Utilização das TIC: abordagens à inovação, difusão e apropriação (1ª parte)**. Acesso: dezembro de 2008. Disponível em: <http://composite.uqam.ca/98.1/articles/ntic_1.htm>. Acesso: 05 set. 2011.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MOREIRA, Daniel Augusto. Natureza e Fontes do conhecimento em Administração. Administração online – FECAPE – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. São Paulo. 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/daniel.htm>. Acesso em: 18 mai. 2010.

MORALES, Elisa Vermelho. **História do Cotidiano e Ensino de História**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/historia_do_cotidiano_e_ensino_de_historia.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2011.



MONTMOLLIN, Maurice de. **A ergonomia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.

PRETTO, N. de L. Desafios para a educação na era da informação: o presencial, a distância, as mesmas políticas e o de sempre. In: BARRETO, R. G. (Org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

PRETTI, Oreste. **Inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá: UFMT – NEAD, 1996.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RASMUSSEN, J. **Human factors in a dynamic information society: where are we heading?** Ergonomics, 2000.

RITTO, A. C.; A.; MACHADO FILHO, N. **A caminho da escola virtual: um ensaio carioca**. Rio de Janeiro: Consultor, Faculdade Carioca, 1995.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Marínilson Barbosa. **O processo de construção de identidades individuais e coletivas do 'ser tutor' no contexto da educação a distância**, 2005.

SVEIBY, Karl Erik. **A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

STEWART, Thomas A. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

